

PAISAGEM VS. NATUREZA

Data de submissão: 21/03/2023

Data de aceite: 03/04/2023

Cristiana Macedo

Faculdade de Belas Artes da Universidade
do Porto
Póvoa de Varzim, Porto
<https://orcid.org/0009-0000-4431-4253>

Teresa Almeida

Unidade de Investigação i2ads, Instituto
de Investigação em Arte, Design e
Sociedade da Faculdade de Belas Artes
Universidade do Porto
Porto, Portugal. Unidade de Investigação,
Vidro e Cerâmica para as Artes,
VICARTE, FCT/UN
Porto
<https://orcid.org/0000-0002-2033-0459>

RESUMO: A paisagem enquanto tema de pintura é utilizada pelos artistas nas mais variadas formas e suportes. A natureza serve como mote para a criação de uma imagem. No entanto estes termos aparecem com definições distintas e tornam-se tema de investigação relevante de forma a descobrir o que os junta ao mesmo tempo que os separa. Este artigo tem como intuito desvendar onde aparecerem pela primeira vez estas palavras enquanto noção, quando começaram a ser utilizados no meio

artístico e não só, dando ênfase à paisagem que é referenciada em vários ensaios, mas nunca a proveniência do termo. Com base nos textos de Anne Cauquelin, Laura Castro, Marcos de Carvalho, Paul Murdin, Thomas Kesslering e Kenneth Olwig, faz-se uma viagem pela história percebendo a multidisciplinaridade dos conceitos e termos.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem, Natureza, multidisciplinaridade.

LANDSCAPE VS. NATURE

ABSTRACT: The landscape as a painting theme is used by artists in the most varied forms and supports. Nature serves as a mot for creating an image. However, these terms appear with different definitions and become a relevant research topic to discover what brings them together while separating them. This article aims to reveal where these words appeared for the first time as a notion, when they began to be used in the artistic environment and beyond, emphasizing the landscape that is referenced in several essays, but never the origin of the term. Based on texts by Anne Cauquelin, Laura Castro, Marcos de Carvalho, Paul Murdin, Thomas Kesslering and Kenneth Olwig, a

journey through history is made, realizing the multidisciplinary of concepts and terms.

KEYWORDS: Landscape, Nature, multidisciplinary.

INTRODUÇÃO

“A paisagem anuncia-se como o modo convencional de apresentar a relação entre a natureza e a arte e como o modelo mais frequente de a comunicar” (Castro, 2006). A paisagem enquanto tema de pintura e a nível académico, tem um grande peso na cultura ocidental uma vez que tem a capacidade de se renovar ao longo do tempo. Com o aprimoramento constante das definições e conceitos, podemos cair no erro de confundir termos, pelas semelhanças que podem ter, assim como a forma como são empregues. Em todas as áreas de conhecimento, existe um vocabulário próprio, onde algumas nomenclaturas tornam-se multidisciplinares adaptando-se às necessidades de cada contexto. No entanto, só mantendo o rigor nas definições se facilita a compreensão dos assuntos em questão. Contudo e como referido anteriormente, os significados dos termos, continuam a ser contruídos, atendendo ao período em que se encontram e posição que tomam.

APARECIMENTO E EVOLUÇÃO DOS TERMOS

Neste caso falamos dos termos paisagem e natureza. Aparentemente com o mesmo significado estas palavras são distintas. Numa pesquisa realizada em dicionários – nacionais e internacionais – é-nos mostrado como por vezes utilizamos os termos de forma errada, ainda que de modo inconsciente. Paisagem é referida como uma “extensão de território que se abrange com um lance de vista” e ainda “desenho, quadro, género literário ou trecho que representa ou em que se descreve um sítio campestre”¹. Já a palavra natureza é apresentada como um “conjunto de coisas criadas”² e “todas as plantas, criaturas e coisas que existem no mundo que não são criadas pelas pessoas.”³

Apesar de serem elencadas as diferenças entre as palavras, estas não identificam o aparecimento dos conceitos. Sobre paisagem, enquanto conceito, Anne Cauquelin (1925-) refere ter aparecido em 1415 na Holanda (Cauquelin, 1989, p.27). De forma comum os escritores de paisagem referem o termo holandês *landscap* como sendo o original. Dividido em dois componentes, *land* (=espaço) + *scap* (=estado/condição), significa região ou porção de terra. Originalmente aparece associada à geografia para definir os limites de um campo, ou de uma região natural (Murdin, 2015, p.144). No

1 “**paisagem**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/paisagem> [consultado em 23-01-2022].

2 “**natureza**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/natureza> [consultado em 23-01-2022].

3 “**nature**”, in Cambridge Dictionary UK, tradução livre da definição apresentada no dicionário “all the plants, creatures, and things that exist in the world that are not made by people” <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/nature> [consultado em 23-01-2022]

entanto, segundo Kenneth Olwig, existe ainda um termo em alemão, *Landschaft* que normalmente é esquecido ou colocado de parte. É importante mencionar os dois, sendo que à época os dialetos do norte da Europa eram semelhantes, partilhando alguns dos vocábulos. Dessa forma Olwig explica que,

“Não há razão para se concentrar no significado holandês do termo, no entanto, uma vez que a palavra “holandês” geralmente significava alemão ou germânico quando a palavra entrou no idioma inglês”. (Olwig, 1996, p.631)

Por conseguinte em 1598 (Olwig, 1996), entra no vocabulário inglês como termo artístico, apesar do reconhecimento ter vindo anos mais tarde. É importante realçar que ao mesmo tempo que a língua inglesa incorporava este novo conceito, nos países de origem, o termo paisagem carregava um significado bem maior do que apenas estar associado a um pedaço de terra.

“Quando abordado no contexto histórico e geográfico, fica claro que a *Landschaft* era muito mais do que “um pedaço de terra restrito”. Continha significados de grande importância para a construção da identidade pessoal, política e de lugar quando a paisagem entrou na língua inglesa.” (Olwig, 1996, p.631)

Isto porque o termo paisagem era utilizado pela geografia, para os reis marcarem o território que lhes pertencia, através do olhar e até onde este alcançava. Se compararmos esta ideia, com a expressão de Gombrich “a paisagem é uma, entre outras formas de ‘descoberta visual do mundo’” (Castro, 2006, p.2), podemos assumir que o que os reis faziam, era já uma forma de estabelecerem uma espécie de imagem. Uma vez que reconhecemos que a paisagem é aquilo que o nosso olhar alcança, todos os novos territórios delimitados pelos reis eram novas imagens, que continham colinas, bosques, mares, entre muitos outros. (Olwig, 1996) No entanto, associado à arte percebemos que esta “descoberta”, não é de fato uma descoberta ingênua, de alguém que não sabe o que tem perante si. Na arte existe um olhar atento e estudado, o artista sabe com o que está a lidar assim como o que está a representar na pintura, seja em que estilo for.

Além do conceito e noção sobre paisagem ser importante na sua abordagem, por poucas vezes ser referido, à exceção do conceito artístico já conhecido, a definição de natureza é igualmente relevante como objeto de pesquisa e referência uma vez que foi e é alvo de uma reforma constante. Ao contrário do conceito paisagem que aparece no século XV, (Cauquelin, 1989) natureza enquanto noção está presente muito mais atrás no tempo e para a percebermos temos de ir, como Marcos de Carvalho refere no seu texto *O que é a Natureza*, de encontro aos “primitivos habitantes do planeta, se quisermos compreender a natureza, seu sentido, seu significado e, principalmente, a sua origem para nós” (Carvalho, 1955, p.24). Tomamos assim consciência que tanto a natureza física como a psicologia são importantes para objeto de estudo, como forma de entender onde desencadeia a separação de conceitos.

Começamos pela natureza física e tomamos como exemplo as várias civilizações que foram estudadas ao longo dos tempos. Nos primórdios da civilização, o ser humano vivia com a natureza aceitando que tinham a mesma importância. Estabelecemos esta associação aos povos indígenas que deixaram de forma clara que tradicionalmente utilizam a observação para entender as relações no mundo natural e que o vínculo estabelecido com a natureza é um dos pontos fundamentais, transposto até à atualidade assumindo um importante papel em várias discussões e palestras ambientais. (Niigaaniin & MacNeill, 2022) Hoje de uma forma generalizada, inserimo-nos numa sociedade de classes, que foi criada a partir da colonização. Isto porque até a esse momento não havia termo de comparação para a considerada “superioridade” entre povos.

A teoria CMD (Colonialidade/Modernismo/Decolonialidade) explica-nos que a Europa só passou a ser encarada como sociedade moderna a partir do momento em que conseguiu fazer a distinção entre povos. (Niigaaniin & MacNeill, 2022) Serviram-se de matérias como a ciência, democracia e capitalismo para demonstrar essa evolução, chegando até aquilo que conhecemos hoje. Assumindo o posicionamento que cada povo toma percebemos que o tema natureza tem importâncias e perspectivas distintas para diferentes sociedades. (Niigaaniin & MacNeill, 2022)

As visões divergentes estão diretamente relacionadas com o desenvolvimento da diferenciação social que deu lugar à distinção entre o social e o natural. No entanto os povos indígenas continuam a considerar o Homem-Natureza como unidade,⁴ como é comprovado pelos depoimentos deixados ao antropólogo Lévi-Strauss, (Carvalho, 1955, p.24) em que os elementos das tribos afirmam de forma clara que não existe separação entre a relação entre natureza e o ser humano. Há também referência neste mesmo artigo, assim como se examinarmos os livros de história (lecionado nas escolas) que antes das entidades “darem a conhecer” a civilização aos povos denominados selvagens, o homem (branco) teve como objeto de estudo os povos indígenas, no modo como operavam e utilizavam os recursos. (Carvalho, 1955, p.25) Por outro lado, esses povos tinham como preocupação aprender tudo o que conseguissem com a natureza, fosse com o reino vegetal ou animal.⁵ Isto é, por um lado temos humanos a estudar comportamentos, modos e costumes de

4 Não só entendem esta esta união como tema fundamental como também continuam a falar e transpor para a atualidade, principalmente pelas questões ambientais. Muitos dos povos indígenas atuais fundaram importantes movimentos de proteção da natureza e os seus locais de habitação que se vêm ameaçados.

5 É certo que a vida evoluiu desde então e a partir do momento em que o comodismo entrou na vida das pessoas, onde a evolução do tempo e da tecnologia permitiu ter tudo aquilo que necessitam de forma rápida, é impensável numa cultura capitalista viver de uma forma nómada desprovido de qualquer tipo de “ajuda”, apesar de haver quem o faça. É facto que os povos indígenas ainda existem e continuam a viver segundo os seus princípios. Por outro lado, existem também alguns casos que por quererem ter uma experiência fora da vida comum procuram um novo caminho com novos desafios, não fosse o ser humano um ser curioso e insatisfeito. Nesse caso temos como exemplo Henry David Thoreau que durante 2 anos decidiu ir viver numa cabana junto das margens do lago Walden, Massachusetts, Estados Unidos (Thoreau, Henry David. (2018). *Walden ou a Vida nos Bosques* (Astrid Cabral, Trans. 5 ed.). Lisboa: Antígona.), despojado de tudo aquilo que fosse considerado fútil. Apesar de manter contacto com a civilização, fez com que esse mesmo contacto fosse reduzido ao máximo. Aqui não se trata de fazer uma comparação com os povos indígenas, mas sim uma tentativa de demonstrar que existem pessoas com vontade de estabelecer uma relação com a natureza e aquilo que ela pode providenciar, de forma física, sem ser através da arte.

outros humanos. Enquanto as tribos entendiam que só sobreviveriam se compreendessem e vivessem com a natureza tal e qual como ela era, constituída por vegetação e animais.⁶ Além desta ligação direta entre natureza e humano, existe uma clara ligação entre os mitos e lendas associadas às tribos que explicavam a natureza e o natural. A distinção social e as hierarquias vieram fazer com que essas ideias ficassem ligadas e mantidas apenas a lendas de tribos.

Analisámos agora a natureza psicológica alicerçada na filosofia. A partir séc. VI a.C. a (Carvalho, 1955, p.30) natureza deixa de ser apenas vista como natureza vivida, passando a ser também vista como natureza pensada, tornando-se assunto de relevância, uma vez que é uma nova forma de a olhar.

A cultura grega acarreta um grande peso no modo como olhamos a natureza. A forma como construíram a sua comunidade, marca a cultura ocidental pela diferença entre o “mundo da natureza” e o “mundo da sociedade” (Carvalho, 1955, p.34), uma vez que para eles o conceito de natureza (*physis*)⁷ era distinto e contraposto ao conceito de arte e artesanato (*tèchne*) (Kesselring, 2000. p.155). A partir da escola de Mileto a natureza libertou-se da associação aos mitos e religião, para passar a ser vista pelos elementos que são próprios dela (Carvalho, 1955, p.34). À semelhança da paisagem, o termo natureza também teve acréscimos de definições⁸. A definição de Aristóteles é até hoje a mais conhecida, sendo utilizada e determina natureza como “tudo aquilo que não foi produto do homem, como ao “substrato” ou à “matéria-prima” de que as coisas são feitas”. Para construir esta ideia teve como princípio de que na natureza “todas as coisas têm o seu lugar, todos os lugares a sua coisa” (Carvalho, 1955, p.35). Isto observa o ciclo natural, dos elementos designados como mundo vivo. Nele existe uma relação que se mostra circular, uma vez que apesar de serem todos diferentes o ciclo e forma de aparecimento é semelhante. Para explicar isso dá como por exemplo uma situação do reino animal e vegetal. Do mesmo modo que um cavalo gerará um cavalo semelhante, uma planta regenerará uma planta idêntica. Este rumo não pode ser modificado uma vez que lhe é intrínseco.

Para lá das definições criadas na Grécia, existe ainda outro fator que teve um grande peso na forma como vemos a natureza. Falamos da instituição igreja, que utilizou a definição de Aristóteles e adaptou-a segundo as suas convicções. A partir daqui

6 Hoje percebemos que muitos dos métodos e formas de atuar das tribos foram tomadas como importantes lições para compreensão do mundo natural e estão documentados, como o exemplo do livro *Braiding Sweetgrass: Indigenous Wisdom, Scientific Knowledge and the Teachings of Plants* de Robin Kimmerer.

7 Consideramos a palavra *physis* proveniente do conceito atual “física”, como Thomas Kesselring afirma no seu artigo, O conceito da *natureza* na história do pensamento ocidental. O autor faz também relação com o fato de o termo grego estar à volta da questão de ciclo regenerador que está relacionada com a natureza que nasce, cresce, morre, decompõe e gera nova vida.

8 Como exemplo, os pioneiros da escola de Mileto tentaram explicar o que era a natureza, a partir dos elementos da própria natureza. Para Tales a água era o princípio de tudo, enquanto para Anaxímenes era o vapor ou o ar. Em contrapartida para Anaximandro a origem da *physis* não devia estar associada a nenhum dos elementos da própria natureza, uma vez que “a Terra seria de princípio indeterminado e ilimitado” (Carvalho, 1955, p.34). Ainda temos a hipótese de Heráclito que deixando o mundo natural de lado indica que a “essência das coisas” está na “briga ou guerra” (Kesselring, 2000, p.156). A partir daqui temos Pitágoras, Platão e Aristóteles que baseiam o seu pensamento na matemática.

percebemos que as ideias implementadas na Grécia tiveram relação direta na idade média, onde o ocidente está posicionado numa perspetiva cristã, como nos apresenta Thomas Kesselring. (Kesselring, 2000, p.157) Existe a natureza, que foi criada por Deus, e mesmo não residindo nela criou-a. Os pensadores gregos, tinham como convicção que a *physis* do ser humano seria a alma. Ora para o cristianismo, só Deus pode dar as almas bem como as suas características ao corpo físico. Deste modo as relações com a religião, tomam mais uma vez importância no modo como a imagem da natureza fora e dentro do ser humano é vista (Kesselring, 2000, p.158), sendo projetadas posteriormente na arte.

Portanto na vertente cristã o ciclo começa no criador (Deus) que é perfeito e cria uma criatura semelhante a si que se mostra imperfeita. No entanto, paralelamente cria um ecossistema perfeito, que é a natureza. A questão que fica em aberto é, no entanto, o próprio pensamento do homem, que acha que como Deus criou a natureza para ser perfeita, ela própria tem de seguir uma “imagem perfeita” do mesmo modo que também tem de funcionar como uma máquina perfeita, servindo todos requisitos do homem.

Galileu faz referência à bíblia e ao *Livro da Natureza*⁹, quando expõe a sua ideia “de que a natureza é um ‘grande livro permanentemente aberto diante dos nossos olhos e escrito em linguagem matemática’”, “aquele antigo ‘Livro da Natureza’ dos gregos, que os teólogos medievais haviam fechado e substituído pelo ‘Livro das Sagradas Escrituras’, voltou a ser aberto, mas lido segundo a linguagem e os modelos que os novos tempos exigiam.” (Carvalho, 1955, p.46)¹⁰

CONCLUSÃO

Hoje temos a consciência de que tudo aquilo que entendemos ou sabemos sobre um assunto vem do acréscimo de conceitos e ideias coletados até à data e o conceito da natureza não é exceção. Thomas Kesselring apresenta três pontos fundamentais a considerar na sua compreensão contemporânea, “1) Algumas heranças do pensamento teológico da Idade Média; 2) o facto de a Antiguidade ter sido redescoberta no século XV (o que marca o humanismo da época); 3) o aprofundamento de uma tradição experimental na pesquisa científica sobre a Natureza, tradição essa que se formara por volta do século XIII.” (Kesselring, 2000, p.158) Não tendo em vista o aprofundamento destas questões, entendemos que estes três pontos tornam-se relevantes na compreensão dos termos apresentados, uma vez que a natureza que começou por ser, aquilo que não é criado pelo homem, transforma-se em algo muito maior e mais complexo. A própria ciência começa a apresentar novas formulações entendendo que vai muito além daquilo que foi descrito no início. A paisagem que apresenta o que está ao alcance da nossa visão, mostra-se

⁹ O facto de a natureza estar implícita na criação de algo perfeito de Deus onde a bondade e a sabedoria divina residem, fez com que a própria da natureza se tornasse “testemunho de revelação” como explica Kesselring e daí “provém a metáfora do «Livro da Natureza»”. Kesselring (op. Cit) pp158

¹⁰ Marcos de Carvalho elenca ainda três autores importantes, que fariam parte desse “livro” caso ele fosse real. Francis Bacon, René Descartes e Isaac Newton.

complemento à natureza. Por sua vez o artista procura reproduzir em diferentes formas, tentando sempre captar a sua essência. Acresce aos termos o pensamento humano que é parte importante, no processo artístico e teórico, que explica, mas também deixa outras possibilidades e perguntas no ar.

AGRADECIMENTO

As autoras gostavam de agradecer à Vicarte: UIDB/00729/2020.

REFERÊNCIAS

Carvalho, Marcos de. (1955). *O que é a natureza*. São Paulo, Brasil: editora brasiliense.

Castro, Laura. (2006). **Antes e depois da paisagem**. @pha.Boletim, 3, 1-19.

Cauquelin, Anne. (1988). **A invenção da Paisagem**. Lisboa: Edições 70. Lda.

Kesselring, Thomas. (2000). **O conceito da natureza na história do pensamento ocidental**. Episteme: filosofia e história das ciências em revista.

Murdin, Paul. (2015). **Planetary Vistas the Landscapes of Other Worlds**. Suíça: Springer.

Niigaaniin, Mamawewen, & MacNeill, Timothy. (2022). **Indigenous culture and nature relatedness: Results from a collaborative study**. Environmental Development, 44.

Olwig, Kenneth R. (1996). **Recovering the Substantive Nature of Landscape**. Annals of the Association of American Geographers 86, Vol.4.